

2º Seminário, Associação de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica APPP, Douro, Portugal, 23-24 Outubro 2010; publicado na *Revista Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*, “Criatividade e Psicanálise”, nº 3, 2010.

Psicanálise, investigação e prática clínica

– reflexões em torno de um caso de luto

Ângela Lacerda Nobre

Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal ESCE-IPS;

angela.nobre@esce.ips.pt; lacerda.nobre@gmail.com

Resumo: A perspectiva ligada à fixação na resolução de problemas e à interpretação da vida como problema é uma característica fundante da civilização ocidental. Em simultâneo, co-existem outras abordagens que, embora sejam periféricas ao pensamento dominante, têm um papel fundamental no sentido de trazerem novas interrogações - as quais são suscitadoras de mudança, de transformação e de desenvolvimento. A psicanálise é um exemplo deste tipo de abordagem. O presente artigo apresenta e discute um caso de luto, ilustrando a importância da relação terapêutica numa perspectiva de complexidade e não de causa-efeito. Paralelamente, apresenta o argumento de que a eficácia da abordagem da psicoterapia analítica está ligada não só à abrangência do corpo teórico que a sustenta mas ainda à prática que a estrutura, nomeadamente aquela que liga a investigação, a supervisão e a análise pessoal e didáctica.

Palavras chave: psicoterapia dinâmica, luto, situações limite, centralidade da relação e psicanálise contemporânea.

Introdução

O presente artigo tem como objectivo salientar a importância da psicanálise não só como forma de abordagem terapêutica mas como movimento teórico que não se acomoda perante o reducionismo do pensamento dominante na sociedade contemporânea. Este elemento criativo e potenciador da mudança é uma característica fundamental do processo analítico, que tem repercussões directas, ao nível individual, e indirectas, ao nível da sociedade como um todo.

Este artigo parte da reflexão sobre um caso clínico e, nas secções seguintes, procura identificar elementos teóricos da psicanálise que também estão presentes noutras abordagens teóricas, como na fenomenologia ontológica e na fenomenologia da vida. O essencial destas abordagens é a abertura às possibilidades de manifestação da realidade, processo este que é dinâmico, sempre em movimento.

Na última secção, salienta-se a importância das ligações entre o processo de formação em psicanálise, a supervisão e a análise didáctica. Finalmente, conclui-se que cabe aos psicanalistas contemporâneos a divulgação de toda a capacidade de alcance e do potencial da psicanálise ao nível individual e da sociedade como um todo. Todo e qualquer processo de desenvolvimento envolve aspectos específicos – em termos de complexidade e de diversidade - em relação aos quais a análise é das poucas abordagens existentes com capacidade de acção e de intervenção de forma estruturada e organizada. Especificamente, a capacidade de explorar e de expandir uma situação potencial, o estímulo à criatividade, o assumir a diferença, o assumir as características *sui generis* de cada um, são tudo exemplos em que a psicanálite age de forma a exponenciar o máximo de possibilidades de desenvolvimento.

Abordagem clínica e estudo de caso

O presente caso refere-se ao seguimento em psicoterapia semanal, ao longo de sete meses, de Francisco, um indivíduo de 28 anos, casado, e que tinha perdido o primeiro e único filho do casal há quase um ano atrás, nado-morto na sequência de complicações do parto.

Francisco era um paciente assíduo, pontual, colaborante e afável. Fisicamente com boa aparência, feições bonitas, olhos azuis, trato fácil. Alguma hesitação inicial foi sendo substituída por um grande à vontade e facilidade de conversação, inclusive na primeira consulta, conversa esta muitas vezes aparentemente banal e fortuita, ao longo das sessões posteriores, mas que na sequência do processo terapêutico foi eficaz.

Este caso tem a característica particular de não ter tido uma evolução com fases bem marcadas, do tipo identificação do problema e solução do enigma, mas antes desenvolveu-se de forma quase imperceptível, com sinais suaves e subtis embora extremamente eficazes e significativos ao nível da vida do Francisco, com reflexos fundamentais na vida do casal. Na sequência da psicoterapia do Francisco, o casal ultrapassou as dificuldades de relação e chegaram a acordo em relação à possibilidade de uma nova gravidez, gravidez esta que correu com sucesso e o casal já tem hoje duas crianças.

Teresa, a mulher de Francisco, estava em psicoterapia desde a perda do filho e, contrariamente ao marido, não queria engravidar de novo. A pressão relacionada com a divergência de opiniões em relação à possibilidade de virem a ter um filho afectava negativamente ambos os membros do casal. Esta tensão parecia inultrapassável para ambos apesar de Teresa valorizar muito positivamente a ajuda da psicoterapia. Este assunto tinha-se tornado tabu, entre o casal e em relação aos familiares e amigos próximos, apenas explodindo em situações de *stress*, discussão e confronto entre ambos, ao nível do casal. Aqui explicitavam-se as posições, Francisco de desejo de ter um filho e de Teresa de recusa de considerar o assunto, sempre em termos agressivos e de contestação.

Francisco, ao longo da psicoterapia, embora não de forma muito visível em gabinete pois não verbalizava ou explicitava grandes desenlaces, foi alterando a sua postura e a sua forma de relacionamento com a Teresa, tornando-se mais próximo, disponível e atencioso. Estas alterações tornavam-se perceptíveis na terapia de forma subtil,

através de comentários que surgiam *a posteriori*, de fugida, sem dar-lhes grande importância.

Contudo, na primeira consulta, e em contraste com o desenrolar do processo terapêutico, Francisco foi muito explícito e eloquente nas queixas, referindo-se a situações anteriores à perda e luto do filho, como a asma em adolescente e a insegurança que esconde por trás da sua aparência de homem forte. Diz que sofre de fobias (agrofobia e claustrofobia) e que toma ansiolíticos desde há dois anos, factos que refere com alguma indiferença.

Apesar de ter aberto o jogo logo na primeira sessão, de ter acolhido com satisfação a possibilidade de um seguimento semanal em psicoterapia e de queixar-se de já no passado ter pedido ajuda, tendo iniciado uma psicoterapia sem sucesso, apesar de tudo isto, o desenvolvimento do processo terapêutico centrou-se em detalhes aparentemente independentes das causas principais ligadas às dificuldades da vida do Francisco e do casal.

Por exemplo, podia dedicar muito tempo à descrição pormenorizada do trabalho da Teresa, um infantário, e de todos os detalhes relacionados com a chefe, as colegas, as rotinas, etc.. Nesta descrição, os assuntos verdadeiramente delicados, como o facto da Teresa ter deixado de ter contacto com os bebés ou com as crianças de menos idade após a perda do filho, eram referidas de relance. Outro exemplo era a forma como descrevia detalhes da sua profissão, distribuidor de refrigerantes, ainda complementada pela actividade agrícola, de exploração de terras da família, e como no meio das descrições minuciosas da rega do milho surgiam, de raspão, referências a memórias de infância, mas sempre com o comentário de que os pais e o seu único irmão “se davam todos bem”.

Parece que era através da liberdade de discorrer por assuntos aparentemente irrelevantes, e de experimentar ter a atenção que surge num processo de psicoterapia, em particular de orientação analítica, que o Francisco foi gradualmente aproximando-

se de si próprio, das suas angústias, e da Teresa, e do seu mundo até aí tão distante, permitindo a ambos trazer algo de novo ao nível da relação a dois.

A resolução deste caso de luto leva a pensar que a complexidade e a própria dinâmica das relações que se desenrolam à volta de uma situação de luto se passam a um nível cujo acesso, em termos de tomada de consciência, de explicitação verbal e de interpretação se faz não de forma directa e com uma evolução linear mas antes de forma indirecta, subtil e complexa. Assim, este caso foi surpreendente se se pensar na ausência de grandes *insights* ou de grandes elaborações, mas foi altamente eficaz no sentido de alguém que se sente ouvido e que experimenta ouvir os outros - o outro si próprio, o outro sua mulher, o outro seu filho desejado e morto e o outro seu filho desejado e que virá a nascer um dia.

Os casos de luto aproximam-se dos casos ou das situações limite, como o são as situações de sobrevivência em catástrofes, em situações de guerra, em campos de concentração, em situações de tortura, etc.. Quer nas situações de luto, quer nas situações limite, tudo o que se aprendeu antes, todas as certezas, seguranças, referências e âncoras desaparecem e novas respostas têm de ser encontradas, recriadas e reinventadas. Embora sejam situações trágicas e dramáticas em termos do sofrimento humano que envolvem, são também momentos que potenciam respostas jamais imaginadas, que jamais seriam possíveis num contexto de normalidade e de estabilidade. Este paradoxo e a perplexidade que provoca são bem ilustrados pelos trabalhos de Viktor Frankl (2004) sobre a logoterapia, teoria criada por este sobrevivente dos campos nazis, neurocirurgião e fundador da abordagem psicoterapêutica que foca o aspecto da busca do sentido da vida. Doutra forma, e igualmente eloquente, são os relatos na primeira pessoa de Etty Hillesum (1996), grande intelectual, ex-paciente de um discípulo de Karl Jung (1959), morta aos 27 anos num campo de concentração.

Nestes trabalhos, como nos casos de luto e ainda no caso do Francisco, as coisas são iguais e jamais são iguais, tudo está diferente e tudo está igual – como dar voz ao que

não tem voz? Rosto ao que não tem rosto? Corpo ao que não tem corpo? Neste sentido entende-se que o processo terapêutico passa mais pelo que se diz nas entrelinhas, pelos pequenos gestos, pelas hesitações subtis, pelos breves silêncios do que por grandes e eloquentes discursos. É a capacidade do terapeuta de se tornar próximo, presente, atento e sensível que abre espaço para o indizível. E o processo terapêutico é um círculo virtuoso, contagiante, que contamina as outras relações e que se auto-sustenta – e é essa a verdadeira cura, essa capacidade de criar mecanismos de resposta à realidade que é sempre nova e imprevisível.

A partir da discussão deste caso surgem, de seguida, algumas reflexões sobre o que caracteriza de forma única o processo analítico e ainda os elementos que estruturam a prática clínica psicanalítica, na secção a seguir.

Da teoria à prática clínica

A psicanálise pode ser entendida como um corpo teórico, como uma escola de pensamento, como uma prática clínica, como uma resposta terapêutica ou ainda como uma filosofia de vida, uma forma de interpretar o mundo e de ler a realidade.

Contudo, provavelmente a característica que a levará a sobreviver à própria civilização que a gerou é outra e é a seguinte. A psicanálise não se restringe, reduz ou resume à resolução de problemas. A psicanálise não é apenas um procedimento clínico de identificação de um diagnóstico e de formulação de uma abordagem terapêutica. A psicanálise não serve para resolver, ajustar, adaptar, formatar ou encaixar o funcionamento interior de um indivíduo por forma a torná-lo mais adaptado, integrado e conivente com o sistema societário que o envolve, numa perspectiva higienista, instrumentalista e funcionalista. A psicanálise pode conseguir tudo isto mas como sub-produto de algo muito mais importante - que é exponenciar o processo espontâneo de desenvolvimento individual.

Esta visão, porventura controversa, da psicanálise e do que constitui o processo analítico prende-se com a distinção entre duas atitudes de base. Uma, aquela que é dominante na sociedade ocidental desde a Antiguidade, entende a realidade como

algo que está, intrinsecamente, mal e que o conhecimento humano pode interferir e resolver, numa perspectiva de identificação do problema e de determinação da solução. Outra, igualmente presente desde a Antiguidade, embora sempre numa posição periférica e de contestação e confronto face ao pensamento dominante, argumenta que esta atitude de focagem no problema-solução é, ela mesma, um problema. Para se atingir esta atitude de focagem no problema-solução é necessário identificar um estado ideal, um modelo da realidade, face ao qual a realidade concreta surge como desvio, como anormalidade a necessitar correcção. Ao reduzir a realidade àquilo que pensamos sobre ela, aos modelos teóricos e abstractos, às construções intelectuais, está-se, inevitavelmente, a reduzir as possibilidades de manifestação e de entendimento ou interpretação da realidade. Cada modelo, por definição, simplifica a realidade reduzindo-a às relações que se pretendem destacar.

Ora, a visão contestatária argumenta que a partir do momento que se cria um modelo, corre-se o risco de passar a reduzir a realidade à ideia predefinida e que é precisamente este processo que é particularmente gravoso pois cria um beco sem saída e um círculo vicioso de ilusão e de profecias que se auto-materializam, “self-fulfilling profecies”.

A alternativa proposta não surge numa forma única mas sim de forma heterogénea e fragmentada. Os filósofos da suspeita, Nietzsche, Marx e Freud, são o exemplo paradigmático da reacção contra a racionalidade linear e causa-efeito da modernidade.

Na sequência deste processo, a racionalidade da pós-modernidade surge não como alternativa, em termos da proposta de uma nova racionalidade, mas antes como uma chamada de atenção, como um grito de alerta contra a excessiva confiança e a aposta cega na racionalidade herdeira do Iluminismo. Esta racionalidade acreditava inocentemente que o conhecimento humano, em particular o conhecimento técnico e científico, resolveria os problemas da humanidade. No século XX, as duas guerras mundiais foram a forma mais gritante de revelar as limitações do conhecimento humano, tal como ele era entendido pelo Iluminismo.

Assim, a psicanálise, ao dizer que o processo de tomada de decisão, consciente, independente e racional, assumidamente “livre”, esconde um subconsciente que intervem à partida, sem escolha possível, vem destronar a visão da racionalidade cega e redutora. A psicanálise, ao ir para além da relação causa-efeito, problema-solução, vai trabalhar ao nível da possibilidade de criação de relações novas, interpretações novas, não prisioneiras de modelos predefinidos. A psicanálise vai agir ao nível do processo de desenvolvimento, dinâmico, complexo, não linear, que promove aquilo que é único em cada indivíduo, numa atitude de abertura ao novo.

A psicanálise não é um corpo teórico monolítico, homogêneo, estanque e imutável. Desde Freud, e incluindo Freud, os grandes teóricos contestaram e inovaram o seu próprio pensamento. A chamada psicanálise contemporânea é uma corrente de pensamento que procura reagir contra os dogmas instituídos e focar a importância da relação terapêutica e do mundo das relações, no sentido lato. Os trabalhos de autores como Coimbra de Matos (ex., 2006) e Amaral Dias (ex., 2008) posicionam-se nesta linha de desenvolvimento. Anteriormente, as obras de Winnicott (ex., 2000) e de Bion (ex., 1984) ilustram esta mesma postura.

Para além da psicanálise, outras abordagens teóricas seguem esta linha de interpretação, focando a abertura ao máximo de possibilidades de manifestação da realidade. O trabalho de filósofos como Heidegger (1962), Merleau-Ponty (1962) e Jaspers (1971) prendem-se com esta linha de actuação. Mais recentes, ao nível da mesma abertura ao novo, e em termos da filosofia contemporânea, as obras de Fernando Gil (ex., 1996) e de Michel Henry (ex., 1975) ilustram de forma paradigmática a necessidade de confrontar e de questionar o processo de naturalização e de normalização que provém de qualquer pensamento dominante, que despreza e ignora seja o que for que se lhe oponha. Da fenomenologia ontológica à fenomenologia da vida, estes trabalhos vêm desestabilizar e desconstruir as verdades assumidas como imutáveis, dogmas vivos, inquestionáveis. E a psicanálise tem

exactamente este mesmo papel, quer ao nível da evolução histórica do pensamento ocidental, quer ao nível individual, no contexto da relação terapêutica.

Eficácia terapêutica e seus pressupostos

É fundamental reconhecer o papel estruturante da formação analítica e do conjunto de mecanismos institucionais que a suportam. As teorias não vivem no vácuo. A teoria psicanalítica, em particular, fez escola, criou tradições e instituiu rotinas que são absolutamente fundamentais se quisermos entender o processo que leva ao sucesso terapêutico. O diálogo profundo entre o texto escrito e a prática corrente faz-se através de processos concretos e bem identificados.

Podemos identificar três elementos fundamentais através dos quais a psicanálise se constitui como prática clínica – três elementos que são eles mesmo duplos: a formação (e investigação); a supervisão (e a relação entre pares); e a análise didáctica (e pessoal).

A formação no sentido da aquisição e consolidação de conhecimentos, processo este intimamente ligado à investigação. Investigação no sentido lato, da reflexão partilhada e da relação com a comunidade científica. A supervisão no sentido da relação mestre-aprendiz, artesão que ensina fazendo, i.e. ouvindo, pensando e interpretando. Supervisão esta em que o diálogo lateral, com os pares, é fundamental, daí a importância das associações e grupos de trabalho. E a análise didáctica como processo de estruturação interior, processo desestruturante, sem dúvida, mas que leva a uma nova organização, orientação do funcionamento interior no sentido de uma maior abertura, sensibilidade e atenção à realidade, interna e externa.

Este processo de desenvolvimento e de transformação interior é, antes de mais, um processo pessoal, i.e. tem como objectivo trabalhar ao nível do mundo da relação do indivíduo, consigo próprio e com os outros, e só a partir daqui é possível considerar o aspecto profissional futuro e o papel didáctico e formativo do processo analítico. O analista didata trabalha sobre um fundo, um esteio, da análise pessoal. E a análise

peçoal começa muito antes do divã do gabinete do analista e, literalmente, não acaba nunca. A análise confunde-se, cola-se à vida e é inseparável dela.

Quer dizer, o processo analítico ultrapassa o aspecto formal e visível, com princípio, meio e fim, dos anos de frequência do gabinete de um analista. Esse será o lado porventura menos importante, no sentido em que se o outro processo de transformação interior não se der, e se este processo não ultrapassar cronologicamente os tais anos de trabalho formal e não se prolongar no tempo, de pouco servirá, ao próprio e aos seus eventuais futuros pacientes. A transformação não é uma metamorfose, uma mudança de pele que se ajusta e adapta a um corpo que entretanto cresceu. A transformação é antes um processo dinâmico e sempre incompleto. É um processo de desenvolvimento no sentido mais amplo do termo.

Este processo de desenvolvimento que é fruto de uma análise é, de forma absolutamente fundamental, fruto de uma relação. É a relação analítica, ela mesma, a desencadeadora e transformadora da relação interior, do mundo de relação de cada indivíduo. É ao nível da relação que tudo acontece. Relação a dois, sem dúvida, mas que transporta e transforma o encadeado de relações que nos constitui, que nem uma rede de neurónios.

É a partir desta relação formal, com o analista didata, que se cria o padrão de relação que irá marcar a actividade do futuro analista. A relação terapêutica, a relação profissional que se irá estabelecer entre o paciente e o futuro analista, não se inicia no dia da primeira consulta mas sim trará consigo a herança dos caminhos percorridos na análise didáctica. O sucesso dum influenciará o sucesso da outra. Sucesso no sentido de abrir e de desenvolver o máximo de possibilidades em relação a cada contexto particular, em relação ao aqui e agora, *hic et nunc*, do trabalho de análise.

Na sequência deste raciocínio, em que se procuram identificar e explicitar os elementos que constituem, estruturam e definem o processo analítico, é necessário ainda referir uma nova série de factores essenciais. São eles: as comunidades e instituições que sustentam este processo; a linguagem e a semiótica, ou o processo

de criação de sentido que dá corpo, que dá existência a esta prática concreta; e as convicções, princípios, valores e utopias, que estão implicitamente presentes e que dão um sentido de urgência à actuação de todos e de cada um - e que servem de cimento que vai preencher os interstícios dos paradoxos, conflitos e impasses da actuação conjunta no seio das organizações profissionais e científicas ligadas ao mundo da psicanálise.

Estes elementos agora referidos abrem um outro mundo de reflexão, ele mesmo constituído por áreas disciplinares em diálogo potencialmente fértil, embora ainda insipiente, entre a psicanálise e outras áreas do saber, das ciências às artes.

Em termos sintéticos, podemos identificar algumas características chave que fazem com que estes elementos tenham um papel crucial em qualquer que seja a actividade profissional e científica.

A comunidade, entendida no sentido mais amplo - desde comunidade de autores que influenciam o desenvolvimento profissional de um indivíduo, aos mestres, aos pares e à actividade científica da comunidade mais vasta - a comunidade é o berço e o seio do diálogo e da interacção que tem um papel absolutamente estruturante e formativo no desenvolvimento individual. É este diálogo e este confronto, nem sempre pacífico, que revela as características e o potencial de cada um, estimulando a criatividade e a diferença. É perante o outro, o grande Outro, que reconhecemos o outro em nós, i.e. aquilo que nos era anteriormente inacessível e que, de repente, passa a estar disponível, ao nosso alcance, e naturalizado, como se sempre o tivéssemos reconhecido como tal. Todos já experimentámos esta sensação de “descobrir o ovo de Colombo”.

A instituição, nas suas mais diversas formas, desde a associação formal, explicitamente ligada à divulgação da psicanálise, às entidades periféricas como as organizações académicas e os centros de investigação que privilegiam abordagens interdisciplinares. As instituições permitem a perpetuação ou o prolongamento daquilo que flui ao nível das comunidades. Dando corpo, estrutura e criando rotinas formais,

as instituições são os hospedeiros das comunidades. Acolhem os grupos informais, os seus interesses e objectivos, e dão-lhes continuidade e estabilidade. Assim, as instituições vivem na tensão criadora entre carisma, dinamismo e mudança, por um lado, e formalismo, estrutura e continuidade, por outro.

Esta tensão criadora, que se passa ao nível da sociedade como um todo e em particular no seio institucional, é um reflexo de todo o processo de criatividade humana. Como a filosofia da ciência (ex., Kuhn, 1962 e Popper, 1959) e a filosofia da linguagem (ex., Ricoeur, 1981) bem demonstram, a evolução do conhecimento ocorre através de determinações sucessivas, elas mesmas que serão destronadas na fase seguinte de evolução, i.e. os paradigmas científicos são substituídos por novas abordagens, elas mesmas apenas possíveis graças aos desafios e às incongruências suscitadas pelo paradigma anterior, numa perspectiva de historicidade. E a linguagem evolui determinando sentidos que, eles mesmos, suscitam novos sentidos, novas interpretações, não possíveis sem a interrogação provocada pela palavra, pelo conceito, pelo termo, pela linguagem determinada anteriormente. A linguagem é, ela mesma, este processo dinâmico.

A semiótica é o outro lado da moeda da linguagem. Se o termo linguagem se pode prolongar a outros âmbitos como a linguagem corporal, gestual ou do mundo animal, a semiótica pode aplicar-se a toda a realidade, universalmente, da célula à molécula, do ser vivo ao mineral, do ser humano à máquina, do indivíduo à sociedade, e do grupo à civilização. Contudo, é ao nível do mundo das relações humanas que a semiótica mais tem para oferecer à psicanálise. As obras de Julia Kristeva (ex., 1998) e Jacques Lacan (ex., 2004) são exemplos desse tipo de trabalho.

Finalmente, o lugar da utopia e do mito. Daquilo que nos move, como indivíduos e como civilizações. Daquilo que determina ainda antes que surja a consciência de si. Para além do imaginário colectivo, que nos afecta a todos, é fundamental o processo de auto-afirmação e de tomada de consciência dos valores que nos movem e que nos fazem agir a nível particular e individual, determinando-nos como pessoas. Este é um

mundo em que nem tudo o que parece é, um mundo de tentativa e erro, de ilusão e desilusão. Contudo, é nesta busca, nesta interrogação e, em particular, no confronto – pois é mais fácil identificar pela negativa, i.e. o que não se quer, “não sei por onde vou, só sei que não vou por aí”, diz a peça de Brecht – que a vida se desenrola e se abre ao futuro.

Podemos considerar a hipótese de três linhas de orientação possíveis, em termos de um conjunto de valores que possibilitem a passagem à prática, ao concreto, daquilo que sem o dinamismo e o entusiasmo que surge das convicções pessoais fica apenas em projecto. São elas, as linhas de orientação, todas elas fundamentadas numa visão holística e de complexidade: o conceito de exploração e expansão do máximo das possibilidades de cada contexto concreto - optimização; a convicção de que a evolução do conhecimento é para benefício de toda a humanidade, incluindo as gerações futuras – sustentabilidade; e de que não é a acumulação de informação que nos torna mais ricos ou mais humanos mas sim o acesso àquilo que é essencial, i.e. capacidade de estabelecer e de transformar relações, de criar o novo, de abrir ao diferente – interaccionismo dinâmico ou unidade na diversidade ou uno diverso.

Conclusão

O papel da psicanálise na sociedade contemporânea é relativamente marginal no sentido em que não surgem apostas firmes neste tipo de abordagem. A título de exemplo, apenas em dois países da Europa, Alemanha e Itália, o Estado comparticipa as despesas em análise. Contudo, a teoria psicanalítica e os conceitos que introduziu fazem parte do léxico quotidiano, desde o dos comentadores desportivos aos discursos dos políticos.

Por outro lado, todos os grandes filósofos do século XX escreveram sobre a psicanálise. Mesmo os que a contestam não deixam de reconhecer a sua importância ao dignar-se a discorrer sobre os seus limites e fragilidades. Quanto às suas potencialidades, talvez seja uma tarefa ainda por cumprir, a de dar conta, divulgar, disseminar – sensibilizar, informar, formar e educar – sobre os benefícios da

psicanálise, a nível individual, com impactos ao nível familiar e da sociedade como um todo. Não se trata apenas de olhar para os aspectos de prevenção, ao nível da saúde mental, mas, mais importante ainda, a capacidade que a psicanálise tem de potenciar o próprio processo de desenvolvimento humano, expandindo horizontes de possibilidade até aí não explorados.

É ao nível do estímulo da criatividade, da diversidade, da capacidade de iniciativa e de intervenção que a psicanálise mais tem a oferecer. Não que actue de forma directa, linear e imediata mas antes porque cria as condições que permitem o desenvolvimento das capacidades inatas e presentes em cada indivíduo. Diz-se que nasce um Mozart em cada mil crianças, mas que nunca será identificado e potenciado. A psicanálise tem, potencialmente, este papel. E cabe aos psicanalistas dar voz a esta voz que está escondida, através da prática, da formação e da investigação.

O presente trabalho descreve de forma breve um caso clínico de sucesso em termos de intervenção em psicoterapia analítica numa situação de luto. A partir deste caso, tece considerações que fazem o paralelismo com os casos relacionados com as situações limite. Nas secções seguintes, argumenta que a importância da psicanálise vai muito para além do sucesso ao nível da resolução de problemas e que a eficácia desta prática se prende com a importância da ligação entre a formação, a supervisão e a análise didáctica.

Bibliografia

- Amaral Dias, C. (2008) *Modelos de Interpretação em Psicanálise*. Edições Almedina
- Bion, W., (1984) *Second Thoughts: Selected Papers on Psychoanalysis*. Karnac Books
- Coimbra de Matos, A., (2006) *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Lisboa, Climepsi Editores
- Frankl, V., (2004) *On the Theory and Therapy of Mental Disorders: An Introduction to Logotherapy and Existential Analysis*. Brunner-Routledge
- Gil, F., (1996) *Tratado da Evidência*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda

- Heidegger, M. (1962) *Being and Time*. (Translated by J. Macquarrie and E. Robinson).
New York, Harper & Row [Original publication in 1927]
- Henry, M., (1975) *Philosophy and Phenomenology of the Body*. Springer Verlag
- Hillesum, E., (1996) *Etty Hillesum: An Interrupted Life - the Diaries, 1941-1943 and Letters from Westerbork*. Holt & Company
- Jaspers, K. (1971) *The Philosophy of Existence*. Trans. R. Grabu. Philadelphia, USA,
University of Pennsylvania Press. [First publication in 1938]
- Jung, K., (1959), *Aion: Researches into the Phenomenology of Self*. Routledge
- Kristeva, J., (1998) *Time and Sense*. Columbia, USA, Columbia University Press
- Kuhn, T. (1962) *The Structure of Scientific Revolutions*. Chicago, USA, University of
Chicago Press
- Lacan, J., (2004) *Ecrits: A Selection*. London, UK, Norton & Company Limited
- Merleau-Ponty, M. (1962) *Phenomenology of Perception*. London, UK, Routledge
- Popper, K. (1959) *The Logic of Scientific Discovery*. London, UK, Hutchinson
- Ricoeur, P. (1981) The Task of Hermeneutics In J. Thompson (ed., trans.)
Hermeneutics and the Human Sciences. UK, Cambridge University Press [first
published in 1973]
- Winnicott, D. (2000) *The Child, the Family, and the Outside World*. London, UK,
Penguin